

EDITORIAL

Os textos que compõem o Dossiê Literatura e Filosofia, volume 2 (v. 26, n. 1, 2024) são bastante díspares e diversificados quanto às temáticas internas apresentadas, o que não impede de compormos entre eles um tipo de teia, ou rizoma, em que cada um a sua maneira apresenta determinados problemas que envolvem diretamente a existência de um campo problemático onde literatura e filosofia se implicam. A afirmação parece vaga e generalizada, mas não é. O que pretendemos dizer é que há nos textos do Dossiê uma radicalidade na própria escrita, seja pelo estilo da mesma, seja pelas questões que o tema sugere ou até necessita. Nesse caso, cada autor e artigo constituem através de suas experimentações as condições para problematizarmos pelo viés da linguagem literária a vida, mostrando-nos como a criação literária enquanto criação artística e/ou estética e suas exigências compõem a fabulação de aproximações, simpatias, composições e agenciamentos. Buscamos em Deleuze e Guattari esse pensamento que nos conduz e orienta: *a reflexão filosófica pode recolher o que o romance mostra com tanta força e vida*. (DELEUZE, G. GUATTARI, F. 2000: 314).

Nesse sentido, os textos do Dossiê abrem-se à possibilidade de um diálogo entre filosofia e literatura – literatura e filosofia, recorrendo a conversações que na verdade, não podemos escapar. Tratar desse diálogo absolutamente rico e generoso é, também, falarmos de personagens e suas séries subjetivas que são inseparáveis dos estados de coisa, como tão bem aponta Michel Foucault em seus estudos sobre a relação literatura e filosofia, ao pensar a respeito da força, do estatuto da exterioridade em nossa cultura moderna e contemporânea. É possível descobrirmos, a partir da leitura de cada texto/artigo, que os autores vão descrevendo pelo viés analítico e comparativo, num exercício rigoroso, as tessituras do encontro entre dois campos de pensamento que podemos chamar de ‘siameses’. Literatura e Filosofia demarcam na história encontros e desencontros, apontando-nos as marcas que moldam uma natureza humana e sua condição.

Por fim, cada artigo nesse Volume 2, continuando a discussão do primeiro volume, torna-se numa espécie de convite. Em alguns, podemos afirmar até que há uma espécie

de alerta, isso é, indicam que a vida é condicionada por um conjunto de práticas e relações e que não há mais uma vida que se vive em função da transcendência e nem um pensamento em função da representação. Nesse sentido, literatura e filosofia quando se misturam provocam um desvio, uma ruptura em relação a um mundo em que a condição da existência estava submetida à edificação de estruturas, de um plano de organização, de segmentos. Nesse sentido, nem Literatura e nem Filosofia poderão ser mais vistos ou concebidos a partir da ideia de que pensar é designar objetos. Não seria isso um movimento rumo a uma perversão literário-filosófica?

Boa leitura a todos e a todas.

Prof. Dr. Alex Fabiano C. Jardim – UNIMONTES, MG

Prof. Dr. Elton Luiz Leite de Souza – UNIRIO, RJ